

# SINIE QUANION

mês #30 setembro\_16

## ESSE FANZINE TEM NADA DE GEORGE R. R. MARTIN



ZI

MAS COMO QUALQUER COISA COM  
O NOME DELE GRANDÃO NA CAPA É  
SUCESSO, DECIDIMOS ENTRAR  
NA ONDA TAMBÉM! :P

# Pixuquinho

Visitem nosso site:  
<http://sinequanon.mushi-san.com>

E chegou o **Sine Qua Non #6**, freguesia, trazendo textos legais e alegria... Ficou piegas? Ah, que droga! Mas estamos de volta. Até tentamos voltar antes, mas daí não teve Odisséia, nosso chinchila oficial ficou doente e ~~ficamos em posição fetal chorando~~ ~~litres~~ decidimos fazer uma edição mais parruda e especial para a 24ª Bienal do livro de São Paulo. E uma edição especial tem que ter convidados especiais. Primeiro temos **Antonio Luiz Costa**, que nos diz por que talvez não seja bom ficar fazendo serão no trabalho (rsrs). Nossa querida **Adriana Rodrigues** volta a nossa companhia falando de um encontro. E fechamos com **Heitor Serpa** e um jogo no Maracanã digno de uma Olimpíada Fantástica. Esperamos que gostem e que mandem sugestões =D Até o próximo o/

P.S.: Batizamos o editorial de "Pixuquinho" porque ele é nosso e a gente chama como quiser :P



**Aliene Believe ♀**

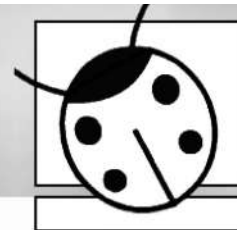
HP 10 / 10

**Site:** [www.euquedisse.net](http://www.euquedisse.net)

**E-mail:** [a\\_believe@euquedisse.net](mailto:a_believe@euquedisse.net)

**Wattpad:** [http://wattpad.com/a\\_believe](http://wattpad.com/a_believe)

**O que tem em comum com o George R. R. Martin:** Tem cara de boazinha mas planeja coisas muito, muito ruins pros personagens.



**mushi-san 虫**

HP 10 / 10

**Site:** [www.mushi-san.com](http://www.mushi-san.com)

**E-mail:** [mushisan@yahoo.com](mailto:mushisan@yahoo.com)

**Wattpad:**

<http://wattpad.com/mushisan>

**O que tem em comum com o George R. R. Martin:** Nunca termina a história que começou, mas garante que vai fazer isso. Um Dia.



**Autores Convidados**

**Antonio Luiz M. C. Costa**  
[www.twitter.com/ALuizCosta/](http://www.twitter.com/ALuizCosta/)

**Heitor V. Serpa**  
[www.facebook.com/mundoprisao](http://www.facebook.com/mundoprisao)  
[steamagers.blogspot.com.br/](http://steamagers.blogspot.com.br/)  
[www.wattpad.com/user/HeitorSerpa](http://www.wattpad.com/user/HeitorSerpa)

**Adriana Rodrigues**  
[bramevlad.blogspot.com.br/](http://bramevlad.blogspot.com.br/)  
[strixvanallen.deviantart.com/](http://strixvanallen.deviantart.com/)  
[www.wattpad.com/user/AdrianaRodrigues5](http://www.wattpad.com/user/AdrianaRodrigues5)

## O Espião - por Aliene Believe

Alex é um espião que acabou de conseguir entrar clandestinamente em Coneva e agora precisa se instalar no país para, então, mandar informações valiosas para seu país, Sardenha. Já Simone é uma jovem que tenta entender o que, afinal, sente por César, seu apaixonado namorado.

---

### Capítulo 1 – Parte V

Alex estava já cansado. Não que tivesse um bom motivo para isso: ele podia dizer que estava se divertindo muito. Estava tendo bons momentos, pelo menos.

Havia quase um mês que tinha encontrado um lugar para ficar. Um quarto simples numa pousada de estudantes. Não era o ideal, ele sabia: preferia estar hospedado em um quarto-e-sala modesto do que numa pousada. Seu problema era encontrar algo cujo orçamento fosse compatível com o dinheiro que tinha e as exigências fossem compatíveis com sua possibilidade de cumpri-las. Era fato: não tinha dinheiro, não tinha como arranjar um emprego e não queria responder perguntas ou apresentar provas. Aquele lugar era ótimo exatamente por ser um lugar mudo. Não precisava se incomodar em dizer o que estava fazendo no país, qual era seu trabalho, de onde tinha vindo. Não que ele não tivesse respostas para todas essas perguntas, mas ele preferia não ter que dá-las. Pessoas que respondem muitas perguntas são atraentes demais, e tudo que ele não queria era chamar a atenção.

Mas um ponto importante a respeito de estar ali era não ficar ali. Tinha um quarto simples, mas evitava usá-lo quando não precisasse dele. O local estava começando a ficar povoado de estudantes retornando das férias, e para evitar longos contatos com eles,

Alex preferia passar tanto tempo quanto pudesse fazendo qualquer outra coisa. Procurando o sinal que indicaria a ele o que fazer, por exemplo. Um sinal que parecia demorar demais para chegar.

Continuaria esperando. Estava cansado disso, mas continuaria. As coisas não demorariam para começar. Então seu cansaço se tornaria animação. Era apenas uma questão de tempo.

### Capítulo 1 – Parte VI

“Eles estão posicionados?”

“Não ainda.”

“Qual é a demora para conseguir isso? Por que eles ainda não conseguiram?”

“Não sei, senhor.”

“Espero que se lembrem que estamos perdendo um tempo importante com isso. Um tempo que poderá decidir o futuro!”

“Farei o que for possível para reverter essa situação, senhor.”

“Fará? Eu esperaria que já estivesse fazendo!”

“Mil perdões, senhor.”

“Resolva logo o que deve ser feito. Temos que começar o quanto antes. Entendido?”

“Sim, senhor.”

*O Espião é a história de Alex, o espião de Sardenha, e Simone, uma jovem de Coneva. Você poderá acompanhar os episódios anteriores e posteriores desta série quinzenal em [www.euquedisse.net](http://www.euquedisse.net) ou em nosso canal no Wattpad.*

# O Feriado Sombrio...

"É feriado!!!!"

A irmã gritava na cabeça de Erika loucamente.

"É feriado, é feriado, é feriado, é feriado, é feriado!"

Parecia uma daquelas crianças chatas de filme. Criança chata de filme era certamente a definição que melhor se adequava àquela figurinha irritante naquele momento.

"É feriado, feriado, FERIA-DOOOOOOOOOOOO."

"Você nem vai pra escola, que diferença faz ser feriado?"

"Eu vou ficar com minha irmãzooooooooooooooooo."

Sorriso Colgate. Aquela pirralha era fingida demais pra uma irmã mais nova e temporona. Filha de um acidente de percurso (caminha estourou, há-há), Lourdinha era tudo o que Erika odiaria numa criança: pequena, chata, mimada.

Super protegida. Ninguém podia falar nem uma simples palavra negativa para ela que já virava caos. E se Erika fizesse algum comentário: "Você não lembra como era chata na idade da Lourdinha".

Mas o pior da irmã mais nova era o que Erika chamava de "guarda compartilhada": os pais usavam a irmã mais velha como desculpa para poder fazer as coisas sem se preocupar com a criança. Naquele final de semana, tinham decidido aproveitar o feriado prolongado para ir a um hotel chique com tudo incluído.

"Não me voltem prenhes....." Erika brincou, levantando um sopapo no vão das ideias.

"Não fale assim conosco!"

Não falaria, mas Erika não seria capaz de aguentar outra Lour-

dinha em sua vida. Se os pais aparecessem com outra criança, ela pediria asilo em qualquer lugar no universo. De preferência algum lugar bem longe, tipo galáxia de Andrômeda. Andrômeda era galáxia, né? Era...

"Faz pipoca?"

"Ainda é de manhã, você nem terminou o café da manhã direito..."

"Porque quero pipoca."

"Não é assim que....."

"QUERO PIPOCA QUERO PIPOCA QUERO PIPOCA QUERO PIPOCA....."

Educar é obrigação dos pais... educar é obrigação dos pais....

Erika repetiria isso como mantra. Não era ela quem deveria convencer a irmã a se portar. Tinha dito não, não tinha sido ouvida, iria fazer o quê?

"Doce ou salgada?"

Os olhinhos de Lourdinha se arregalaram de felicidade:

"Você faria qualquer uma das duas?????????"

"Só pedir..."

"E se eu pedir as duas..."

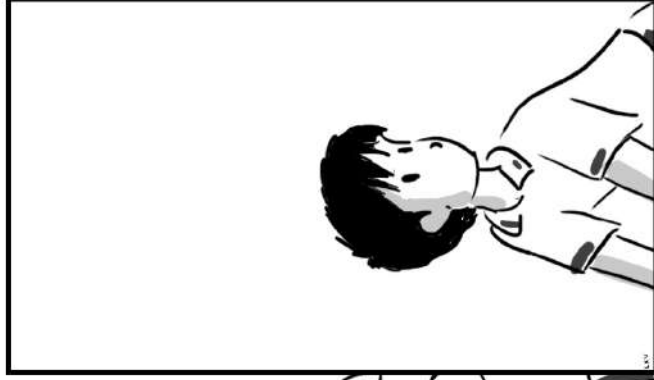
"As duas..."

Não, Erika não sabia fazer pipoca doce, mas derramou um tanto de groselha no produto feito e parecia ótimo. Bom o bastante pra enganar a irmã, que sentou no sofá de televisão com a bandeja de pipoca doce-e-salgada-tudo-junto-misturado e ficou assistindo os programas favoritos.

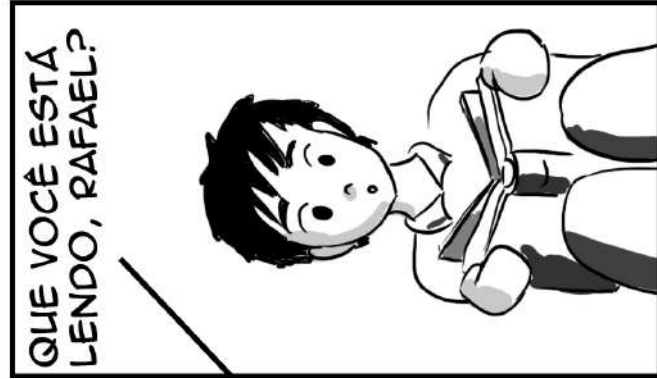
E como os programas favoritos da pirralha eram chatos. Erika achava sinceramente que nunca teria que assistir



MUSHÍCES: .....



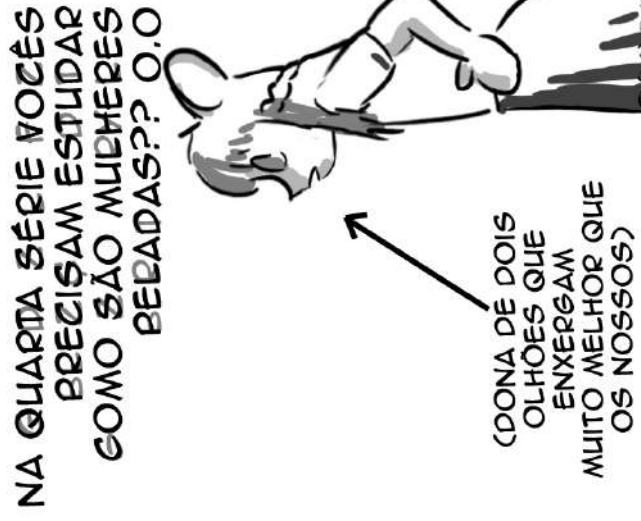
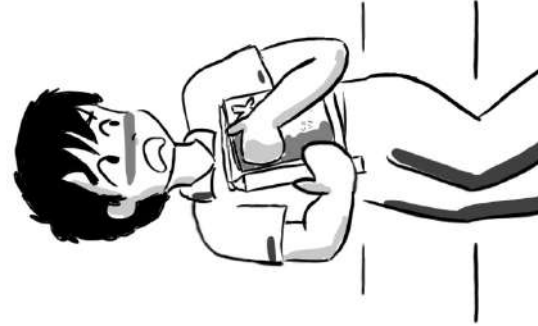
MUSHÍCES: xxx



QUE VOCÊ ESTÁ LENDO, RAFAEL?



NÃO É MATÉRIA PRA TUA SÉRIE, COISINHA Ô\_Ô



NA QUARTA SÉRIE VOCÊS PRECISAM ESTUDAR COMO SÃO MULHERES BEBADAS?? O.O

(DONA DE DOIS OLHOS QUE ENXERGAM MUITO MELHOR QUE OS NOSSOS)

# A Princesa e a Sombra

Era uma vez uma Mestra Cozinheira, ela era mui talentosa, a melhor que já existiu na costa ocidental do Mar do Firmamento. Seus dons eram disputadíssimos e, por graças do rei Azeitona I, logo virou a Mestra Cozinheira do Castelo do Reino a Oeste da Lua, onde alegremente engordou o rei e a corte, além de conquistar para Sua Majestade dezenas de acordos vantajosos ao Reino a Oeste da Lua através dos estômagos e paladares dos reis e diplomatas dos reinos vizinhos.

Mas, o brilho da Mestra Cozinheira trouxe trevas de inveja ao coração da única filha do rei, a princesa Empadinha, que temia que a Mestra Cozinheira tomasse o lugar de sua falecida mãe, ou o seu próprio, no coração de seu pai. Ele era todo elogios, tanto à comida, quanto aos modos e a beleza da moça, que era agradável e educada com todos, até com ela. Certa noite, as trevas do coração de Empadinha ficaram tão densas que sua Sombra de despreendeu de seu corpo e fez uma proposta:

"Linda princesa, odeias mesmo a Mestra Cozinheira?"

"Se surgiste para mim, sabe o quanto odeio".

"Então, realizarei o desejo do teu coração e banirei a Mestra Cozinheira em três dias".

"A troca de quê?", perguntou a princesa Empadinha. "Bem sei que sombras não fazem serviços sem cobrar um preço".

"É verdade", respondeu a sombra.

"Então, diga-me já. Não gosto de histórias em que a pessoa só descobre o preço quando é tarde demais."

"Bom..." a sombra hesitou... "não vai ser exatamente um 'preço', mas um

favor a um amigo".

"Pois, diga qual".

"Vossa Alteza é donzela ainda?"

"ô\_ô!!"

(Vossa Alteza tinha o apelido de "boca virgem" entre as damas de companhia, mas a Sombra não precisa saber disso).

"Pois então: tenho um amigo sapo que precisa do beijo de uma princesa donzela para voltar à forma humana".

"E queres que eu o beije para tu se livrar da odiosa?"

"Não. Quero que o beije se eu me livrar da Mestra Cozinheira".

"E se eu não cumprir minha parte no acordo?"

"Conhece alguma história em que alguém saiu por cima quebrando um acordo com uma Sombra?"

Conhecia sim, mas ela reconhecia não ter os mesmos talentos dos personagens.

"Aceito. Tu faz tua parte e farei a minha, estamos fechados?"

"Sim".

Claro que assim que a sombra sumiu, a princesa Empadinha fez cara de nojo com as possibilidades, e fez encomenda de toneladas de produtos de higiene bucal para usar após pagar sua parte o acordo.

Para a Sombra, cumprir o acordo foi fácil: na véspera do dia em que o rei do Reino a Leste do Sol visitaria o Reino a Oeste da Lua, ela roubou um objeto importante do tesouro - a Pena Real, especialmente criada para assinatura de acordos com outros reinos - e escondeu nas sombras da Mestra Cozinheira, que logo foi descoberta, acusada de roubo e expulsa do Reino a Oeste da Lua, degradada para a Cachoeira do Suplício Eterno com Cheiro de Rosas.

Para a princesa Empadinha, não cumprir o acordo não foi tão fácil:

Primeiro, por que as pessoas come-

çaram a notar que ela não tinha mais sombra, isso obviamente era um mau sinal, mas ninguém tinha coragem de chegar e perguntar a ela o que acontecia. Até seu pai estava mantendo uma distância medrosa dela. E enquanto ela fosse devedora de sua Sombra solidificada, ela não poderia ter uma nova.

Segundo, pela perspectiva de que teria de beijar um sapo. Poucas coisas no mundo são piores que beijar um sapo, exceto \*não\* beijar o tal sapo quebrando um acordo com um ser das trevas doidinho para fazer coisas indizíveis com a alma de suas vítimas.

Para piorar, ela queria se livrar logo da promessa, quanto antes beijasse o batráquio, melhor, mas não podia: a Sombra enrolava em trazer o infeliz sortudo que teria seu encantamento quebrado.

"Infelizmente, ele mora em um reino muito distante, e custa tempo entre a mensagem chegar até ele e dele chegar aqui".

"Pindarolas ㄣㄣ"

Assim, ela não pode curtir em paz o fim da ameaça que a Mestra Cozinheira trazia. E já estava dando nos nervos da pobre princesa ser evitada e ser alvo de todos os cochichos e fofocas do palácio.

(Pra piorar o pior, a mestra cozinheira atual não é tão boa no ofício quanto a antiga)

Um dia, quase no crepúsculo e para alegria de todos (para a Empadinha impaciente e para a Sombra de saco cheio de todo dia ouvir a mesma pergunta), o sapo chegou, discretamente, como a princesa pelamordeDeus pediu: apareceu em uma das janelas do palácio, e coaxou três notas, como havia combinado com a Sombra.

Como era muito tarde para a princesa Empadinha sair do castelo sem ser notada, o sapo foi delicadamente levado com sua amiga até uma

clareira L O N G E do castelo, onde uma tinha de água fresca e insetos gorduchos tinham sido separados somente para ele. Ele coaxou em agradecimento à Sombra, que passou o recado para a princesa, que contava os minutos para ser livre novamente.

Mal o sol se levantou na manhã seguinte, a princesa Empadinha foi toda ligeira para as acomodações do sapo, acompanhada de sua Sombra, incumbida de carregar os produtos de higiene bucal.

"Princesa, gostaria de informar que as regras pedem um beijo de língua".

"Mas... QUÊ?!"

"Beijo técnico não vale".

"Cáspite".

Já o sapo, ninguém sabia o que o sapo pensava a respeito. Não falava, estava quieto e de O.Olhões arregalados. Como todo sapo.

A princesa o encarou. Ele estava postado sobre uma toalhinha vermelha com bordados de ouro que colocou sobre um toco de árvore cortado muito tempo atrás, da altura dos joelhos da





altezinha. Seus olhos eram grandes e inchados, pareciam que saíam do corpo se apertassem.

O.O

Engoliu em seco.

O.O

Ajoelhou-se, segurou as úmidas e verrugentas costas do animal, fechou os olhos para não ter de encarar os

O.O

do sapo e, nervosa, deu o primeiro beijo de sua vida.

Ainda de olhos fechados, sentiu a... e não quis pensar nisso de ter uma língua de sapo dentro da boca eca que nojo. Sentiu também um calor, vindo de dentre suas mãos, o corpo úmido do bicho crescendo... ela ousou abrir os olhos, mas emanava uma luz tão ofuscante que ela foi obrigada a fechar de novo. A transformação estava acontecendo, lentamente. Ela não sabia se era hora de separar os lábios ou não. De súbito, o sapo jogou seu peso e ela pendeu para trás, a fazendo deitar na

relva com ele sobre seu corpo...

.....

...abre os olhos.

O.O!

- Eeeeeeeeeeeeeeca!!! Eu. Beijei. Uma. Garota!!! Cospel Cospel!!!

E cospe.

- E todo mundo viu - diz a ex-sapo, por sobre ela e vestida como Eva. Era uma jovem bela, da mesma idade, e fazendo a cara mesma cara que faria se tivesse engolido uma mosca. Entenda como quiser.

E, como lhe disseram, metade do Reino estava em torno das duas, embasbacados, rindo, cochichando, atraídos pelas estranhas luzes que apareceram por ali tão de manhã.

Uma voz soou mais alta, atônita.

- Princesa! Filha!!

Vendo seu pai, o rei Azeitona I, a princesa fugiu de vergonha e correu para a floresta, desejando nunca mais ser vista. Inúmeras buscas foram feitas, mais histórias sobre seu destino foram contadas, mas ninguém a encontrou.

A jovem, ex-sapo, revelou ser uma princesa desaparecida, filha do rei Trigo VI do reino ao Norte dos Ventos. Mas os dois reinos demoraram tanto em se comunicar e acertarem o retorno da princesa, que ela acabou por ficar e casou-se com o rei do Reino a Oeste da Lua, e viveram felizes para sempre.

Quanto a Sombra, bom, finda suas participações, as sombras sempre voltam para o lado oposto do mundo, para contar as suas histórias às suas semelhantes, ouvir a das outras e preparar novas.

### **Moral da história:**

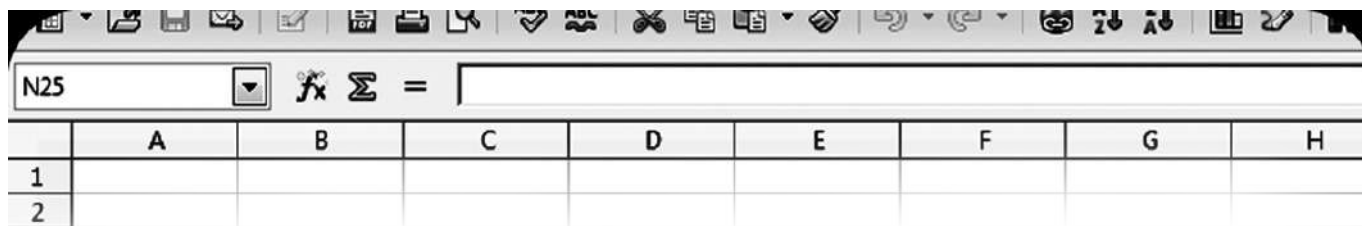
*"Não adiantam os preparativos  
Do mal irá que praticar.*

*Pagará as contas ainda vivo,*

*Não há ruim que não possa piorar."*

# Hora extra não remunerada

Antonio Luiz M. C. Costa



3 Começava a escurecer e o vigilante se aproximou, ansioso.

- Não gosto de deixar a Iolanda sozinha, seu Luciano, ela pode precisar de mim de repente.

A mulher do Edécio estava no fim da gravidez. Moravam num lugar isolado e para a maternidade eram trinta quilômetros de estrada de terra, considerou o gerente.

- Tudo bem, seu Edécio. Vai, deixa as chaves comigo que eu me responsabilizo e fecho tudo. Tenho que terminar a porra dessas planilhas e enviar, senão estou ferrado.

O segurança agradeceu e deixou as chaves. Era irregular, mas ele estava mais preocupado com a Iolanda e com a filha por nascer do que com os regulamentos e, se fosse o caso, o emprego. Luciano não pôde deixar de lhe dar razão. Se tivesse pensado como ele, talvez não fosse gerente, mas ainda estaria casado. Agora só tinha uma casa vazia, muitas saudades e um emprego em regra entediante e nas exceções estressante, como naquela semana.

Os turistas tiravam o seu sossego ao buscar o deles. Os oito funcionários da agência de Vila Alta da Serra ficavam ociosos a maior parte do ano e sobrecarregados no fim do ano e nos feriados, sem meio termo. E quando um feriado coincidia com a virada do mês, como acontecera naquele dia, era um Deus nos acuda. Passou o dia a atender donos de pousadas, restaurantes e lojinhas de artesanato com dificuldades para pagar dívidas e fornecedores. Não sobrou tempo para o relatório especial que a assistente do Superintendente cobrara por SMS. Tinha de estar no e-mail dela amanhã cedo, o mais tardar.

Ouviu o Edécio sair sem se

preocupar. Já ouvira falar de colegas sequestrados ao fazer serão, mas em seus dez anos na Vila, nada houvera de mais grave do que uma briga de bêbados. Sequer havia previsão para porta giratória e câmeras de segurança nos caixas na sua agência. Devia ser uma das últimas na lista de prioridades do banco, que nem por isso deixava de cobrá-la como se estivesse na Avenida Paulista com oitenta funcionários e com a mesma pontualidade. Totalizar as estatísticas sem uma agência que fosse era impensável.

Concentrou-se e, meia hora depois ou pouco mais, ouviu um ruído estranho e repetitivo. Uma série regular de estalidos, que parecia vir do lado dos caixas, no fundo da pequena agência. Ficou intrigado, mas supôs ser algum inseto, esforçou-se por ignorar e prosseguiu na checagem das planilhas. A soma teimava em não bater com...

O estouro repentino quase fez o coração lhe saltar pela boca. Um tiro ou uma bomba, pensou ao largar o teclado e se esconder debaixo da mesa. Mas o ruído cessou, não aconteceu mais nada por um ou dois minutos e ele tentou olhar cautelosamente. Não viu nada nem ninguém. Nem fumaça ou coisa assim. A luz e o ar condicionado continuavam a funcionar.

Apalpou o celular no bolso, mas desistiu de usá-lo. E se houvesse alguém escondido, disposto a matar? Não havia polícia na Vila e levaria quase uma hora para ela chegar da cidade, se atendesse de imediato. Mas não podia ficar ali a noite toda, pulso disparado, esperando sabe-se lá o quê. Foi pé ante pé, pronto para lançar mãos ao alto ao primeiro movimento. Para sair, era preciso passar pela frente dos caixas, pois uma parede separava a gerência do hall.

Ao se aproximar da bateria de caixas

-três guichês -, percebeu um rangido surdo e continuado atrás do último deles. Não viu mais nada e começou a ganhar coragem. Se fosse alguém armado, já teria se mostrado, pensou.

Arriscou uma olhada para dentro da terceira divisória de vidro e esfregou o rosto, em dúvida sobre se era um sonho. A bancada estava deformada e partida, terminal e gavetas caídas no chão. Algo parecido com uma raiz de planta parasita crescia sobre os pedaços a partir da fenda no meio da mesa e a abria lentamente, daí o rangido.

Era estranho, mas não havia perigo óbvio e a curiosidade venceu o medo. Abriu a porta dos caixas para ver do outro lado. Algo como uma enorme pera invertida crescia no chão, debaixo da bancada partida. Ramificações brotavam da base e dos dois lados, cobrindo o chão e a divisória e envolvendo a banqueta tombada. Crescera em menos de quatro horas, pois a Rafaela se sentara ali até o fim do expediente. Aproximou-se e notou que os ramos e gavinhas escuras não cobriam apenas os objetos, penetravam neles e avançavam, lentas como lesmas.

Não era caso de polícia, mas de quê? Bombeiros? Jardineiros? Agrônomos? Caçadores de fantasmas? Ufólogos? Bingo! Se já tinha visto algo vagamente parecido com aquilo tinha sido num filme de ficção científica, a bordo de uma nave chamada Nostromo. Era fantasia sua ou aquela pera estava palpitando? Era imaginação sua ou algo se mexia dentro dela? Um alienígena prestes a saltar e agarrar-se ao seu rosto? Deu um pulo para trás, alarmado.

Não era exatamente como no filme e não havia abertura visível, mas de certo ângulo parecia um útero, com trompas de falópio e tudo. Por absurdo que fosse, aquilo o fez pensar na gravidez da mulher do Edécio e depois na da sua ex, agora morando na capital. E na filhinha de três

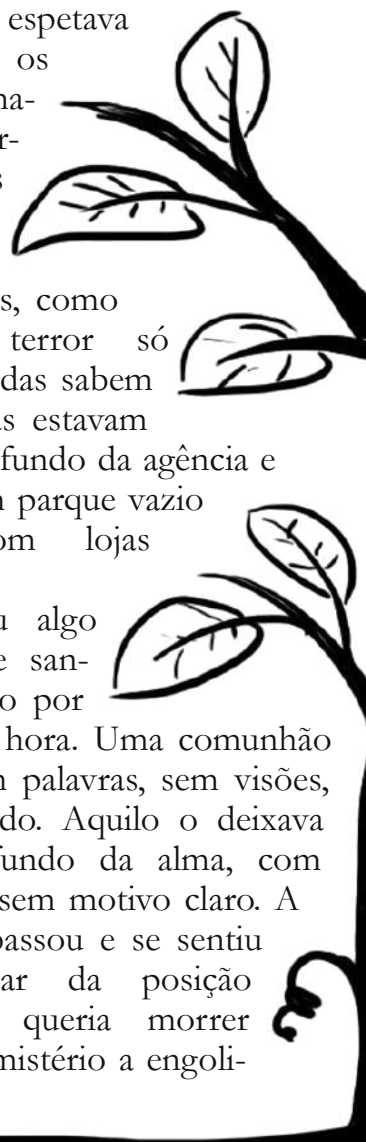
anos com a qual insistia em falar brevemente por telefone, uma vez por semana, apesar de ela mal o reconhecer e ficar audivelmente

constrangida.

Aquele delírio sentimental obscureceu a lucidez do medo por poucos segundos. Voltou a si, virou-se e tratou de correr, mas encontrou a porta de mola coberta de parasitas ressecadas que não estavam ali minutos antes. Puxou e a maçaneta não cedeu. Trêmulo, pegou o celular e digitou o número de um colega que morava perto, mas nada de sinal. Com a Vila cheia de turistas e aquela porcaria de operadora, não era excepcional, mas o horrorizou.

Apavorado, tentou saltar sobre o balcão, que ia sendo coberto de excrescências aparentemente vegetais. Subiu numa banquetta, pisou na bancada para pular, mas ela cedeu e quebrou, fazendo-o cair de mau jeito e torcer o pé. Apesar do medo de tocar naquelas coisas, agarrou-se de novo à beirada, mas quando se preparava para passar por cima, percebeu que as raízes ou o que fossem estavam prendendo suas mãos. Pior, a coisa lhe espetava fundo a mão e os dedos, que queimavam. Se pudesse cortar ou arrancar as mãos fora, teria feito isso. Gritou com todas as forças, como nos filmes de terror só mocinhas desesperadas sabem fazer. Mas as portas estavam fechadas, estava no fundo da agência e esta em frente a um parque vazio àquela hora, com lojas fechadas dos lados.

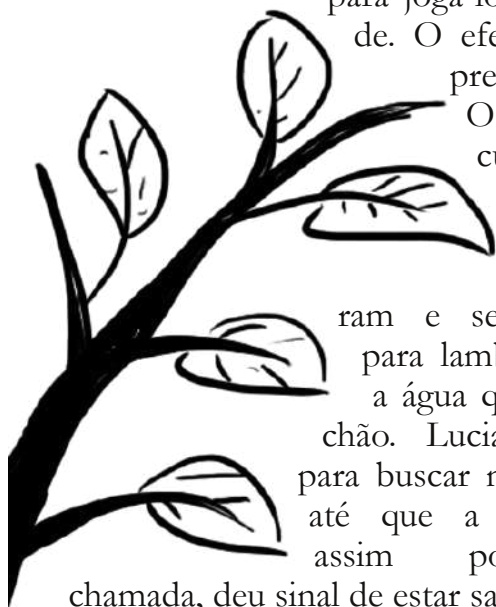
Então sentiu algo quente na corrente sanguínea e foi tomado por uma calma fora de hora. Uma comunhão com o vegetal. Sem palavras, sem visões, mas cheia de sentido. Aquilo o deixava comovido até o fundo da alma, com vontade de chorar, sem motivo claro. A dor no tornozelo passou e se sentiu no paraíso, apesar da posição incômoda. Agora queria morrer assim, com aquele mistério a engolir-lo pouco a pouco,



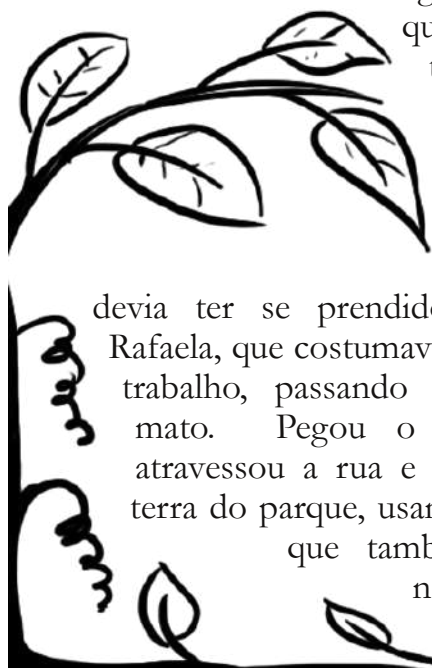
fosse lá o que fosse.

Não era, porém, o desígnio da coisa. Sentiu, um pouco desapontado, que ela o libertava. Soltou as mãos e recuou, devagar. As trepadeiras ressequidas moveram-se sobre a porta e a abriram, convidando-o a sair. Era um pedido de socorro, soube Luciano. Coisa? Não, era mais como uma criança e estava morrendo de sede e fome. Ali não era o lugar onde devia ter brotado. Tentara se alimentar do que encontrava ali, madeira, papel, plásticos e até algumas gotas de seu sangue, mas não era adequado. Precisava de água e terra, e logo, ou morreria.

Foi ao banheiro, encontrou um balde, encheu-o de água e voltou para jogá-lo na entidade. O efeito foi impressionante.



Os ramos escuros e secos vibraram e enverdeceram e se esticaram para lambe e sugar a água que caíra no chão. Luciano voltou para buscar mais e mais até que a planta, se assim podia ser chamada, deu sinal de estar satisfeita.



Agora ele sabia que precisava de terra. Imaginava o que tinha acontecido. A semente, surgida sabe-se lá de onde, devia ter se prendido ao tênis de Rafaela, que costumava vir a pé para o trabalho, passando por trilhas no mato. Pegou o mesmo balde, atravessou a rua e foi enchê-lo de terra do parque, usando a pá de lixo que também encontrara no banheiro. Foi e voltou

várias vezes sem ninguém notar. A menos de quinhentos metros havia restaurantes, bares e uma boate, dava para ouvir um pouco do burburinho, mas ali, fora um ou outro carro de passagem, não havia sinal de vida.

Alimentada com água e terra, a entidade se tornou, mais que verde, luxuriante. Criou folhas e flores e cobriu paredes, vidros, poltronas, mesas e terminais, transformando o interior da agência numa Amazônia em miniatura.

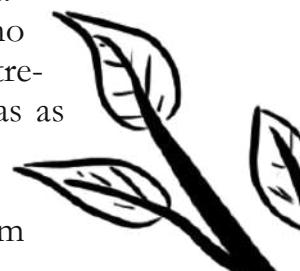
Convertido em jardineiro dedicado, sujo de terra e molhado de suor, Luciano acompanhou e ajudou o rápido crescimento com a alegria do proverbial palhaço que vê o circo pegar fogo. Pressentia que algo de bom, grande e importante estava para acontecer. O crescimento da pera, agora do tamanho de uma geladeira, derrubara o que restara da bateria dos caixas. Não podia demorar muito mais e ele estava ansioso como um pai na sala de parto.

Então a pera começou a se fender, de alto a baixo. Um som de algo espesso se rasgando, uma brecha visível e então surgiram duas mãos magras, verdes e úmidas a se esforçar em vão por abri-la mais. Luciano correu a ajudar, empapando-se de seiva ou coisa parecida. E então uma forma humanoide, magra, nua, verde e viscosa caiu em seus braços, exausta e agradecida.

- Quem é você? - Perguntou, enquanto a erguia, como se fosse uma criança. A altura era de uma menina de doze ou treze anos e não devia pesar mais de trinta quilos. No lugar de cabelo, cresciam filamentos esverdeados, que lembravam musgo.

A criatura apenas gemeu e fez sentir que queria ser levada para fora, para o parque. Luciano obedeceu e saiu com ela nos braços. Já era alta madrugada, quase manhã. O estrago na agência seria óbvio para o primeiro que passasse.

Até o caixa automático no autoatendimento tinha trepadeiras saindo por todas as fendas. Pouco importava, mas Luciano olhou com os lados com



cuidado. Que pensariam se o vissem com uma criança nua e inerte nos braços?

Correu e embrenhou-se no mato, sem ligar para os estragos adicionais nas calças e camisa sociais. Sentia a felicidade da pequena nos braços e apenas se movia para onde sentia que ela queria, sem ligar para nada. Já era dia ao meter-se até a cintura num brejo no meio do bosque, lugar de difícil acesso onde não havia latinhas, papéis ou o menor sinal da passagem de turistas. Ali a criatura quis que a deixasse. Ela se sentou sobre a água lamacenta sem afundar e ergueu os braços, alegre e fortalecida. Pela primeira vez, ele ouviu sua voz.

- Tu me perguntaste quem sou. Como me salvaste, tens o direito de saber, agora que tenho forças para responder: sou Titoreia, a dríade. Entidades encantadas como eu estão em vias de renascer em várias partes para trazer de volta a era da magia e conter os excessos da humanidade enquanto é tempo. Por tua bondade, concedo-te um desejo. Qualquer um.

Luciano, todo arranhado e enlameado, infernizado por carrapatos, maruins e muriçocas, pensou por um ou dois minutos no casamento fracassado, no emprego tedioso e sem perspectivas, na vida insípida e nas mudanças que estavam por vir. Considerou pedir uma fortuna e um harém de lindas mulheres antes de decidir:

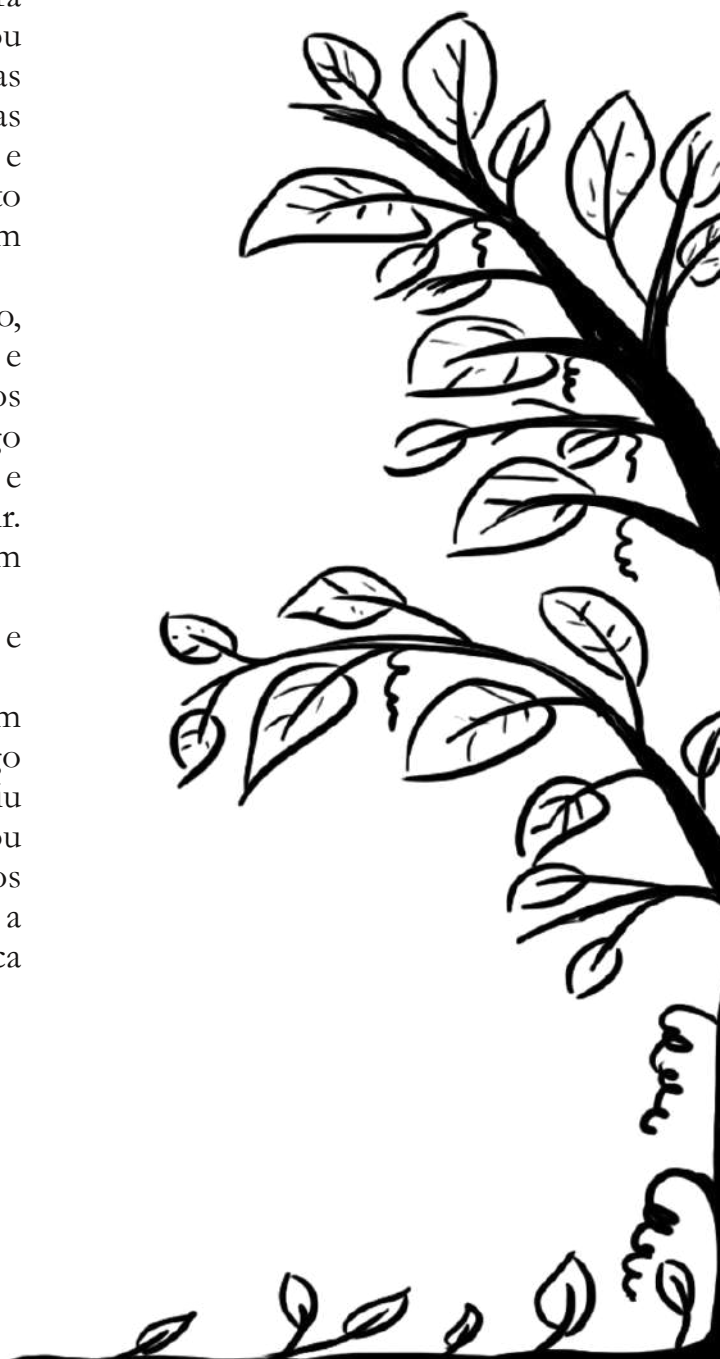
- Quero ser capaz de protegê-la e ajudá-la em sua missão.

Titoreia o tocou e o transformou num ser meio humano, meio animal. Algo parecido com um curupira. Ele se sentiu uma criança feliz, à vontade na mata. Atirou longe os farrapos que o cobriam e ambos partiram para planejar travessuras como a

civilização nunca vira iguais.

**Antonio Luiz M. C. Costa** formou-se em engenharia de produção e filosofia, fez pós-graduação em economia e foi analista de investimentos e assessor econômico-financeiro antes de reencontrar sua vocação na escrita, no jornalismo e na ficção especulativa. Além de escrever sobre a realidade na revista *CartaCapital*, é autor da série de romances **Crônicas de Atlântida**, de dezenas de contos e novelas e de livros de não ficção publicados pela *Editora Draco*.

**Twitter:** @aluizcosta



## As Aventuras do Capitão Glu-Glu

Glu-Glu é um peru que, certo dia, conseguiu salvar uma cachorra prestes a se afogar. Tudo isso foi visto por Antônio, que decidiu ir atrás dos dois animais. Mas... o que terá dado a ele esse poder? OO

**As aventuras do capitão Glu-Glu**, por Aliene Believe, conta a história do super herói Glu-Glu e de seus amigos. Os episódios anteriores e posteriores dessa série, que é quinzenal, podem ser acompanhados em <http://www.euquedissem.net>

Fazer maçãs envenenadas não é tarefa fácil  
Ou melhor: é. Se você tiver os ingredientes certos.

Uma maçã vermelhinha de madura.

Algumas gramas de açúcar.

Um corante vermelho.

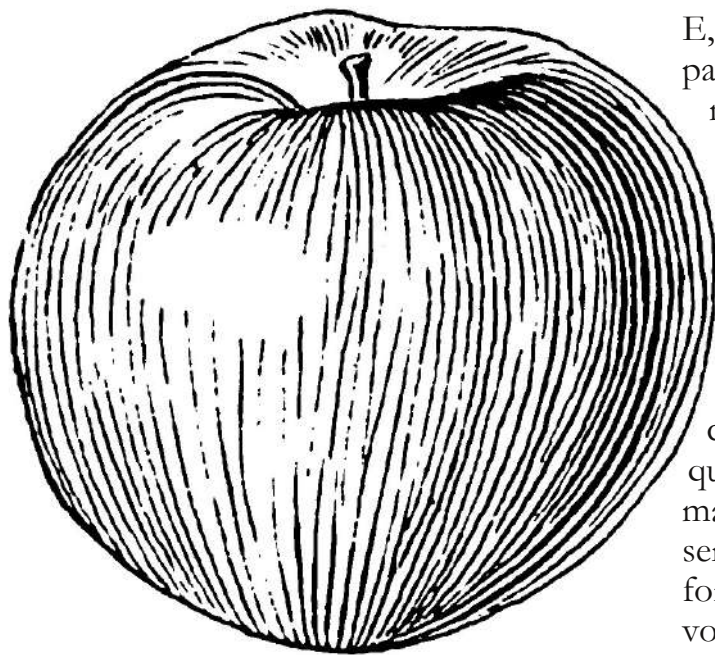
Palito.

Aquele lance maneiro.

E uns ingredientes secretos, que por serem secretos não serão revelados.

A bruxa Margareth tinha todos esses ingredientes. Aliás, ela era a mestre-cuca das maçãs envenenadas, ela quem ensinou todas as outras bruxas a fazerem maçãs envenenadas!

Ainda assim, algo deu errado. Ao invés de matar o peru, a maçã deixou ele super-forte! Que coisa...



Era um dia claro. Bonito. Agradável.

Glu-Glu estava gluglando por aí. Ele era um mero peru. Ele não tinha nada muito interessante para fazer. Ele só vivia de comer. E comer, comer e comer.

Não que quisesse ser gordo. Não que fosse um glutão. Mas... afinal, o que faz com que

um peru pare de comer? Ou, melhor dizendo: o que faz um peru comer?

Glu-Glu comia desde que se conhecia como gente. Ou como ave, para ser mais específico. Comia, comia, e comia. Então foi morar naquela casa daquela pessoa estranha. Uma senhorinha feia, com uma verruga na ponta do nariz e um chapéu pontudo e uma risada esquisita do tipo “huahuahua”. E as pessoas achavam ela uma pessoa má, e ela parecia ser má, mas com ele era muito boa: sempre oferecendo comida, e comida, e comida, e dizendo:

“Engorde, meu peru querido, engorde!” (embora ele não soubesse o que ela queria dizer com isso)

E, um dia, ela estava demorando demais para trazer seu café da manhã. Demorando mais tempo do que o comum. Ele, que não fazia ideia do que estava acontecendo, decidiu checar se tudo estava bem, e viu aquela maravilhosa maçã em um recipiente de sua jaula.

Linda, vermelha, parecendo uma maçã-do-amor. Ela parecia deliciosa. Ele decidiu testar se era mesmo, só para ter certeza. E ela era deliciosa! Tão deliciosa que ele se sentiu mais forte, e mais forte, e mais forte... Ele nunca tinha pensado que se sentiria tão forte na vida. Ele se sentiu tão forte que decidiu que poderia dar uma volta, conhecer o mundo.

Ele sentiria falta daquela maravilhosa senhora. Mas mesmo perus têm que sair de casa uma vez na vida.

O que ele não sabia era que a maçã estava envenenada. e que ele deveria ter morrido. E que aquela maravilhosa senhora era uma bruxa que se tornaria sua primeira inimiga.



Lá, sobre os mares verdes de Minas, onde as vagas imóveis se encontram com um céu tingido de arco-íris, silencioso e invisível um pássaro paira.

Cá, na casa de lugar nenhum, onde pardos pardais se amontoam nos beirais, com as mãos crispadas no peito e uma capa de insondável negror, ansiosa e faminta ela aguarda.

E no meio do caminho, a verde-amarela cobertura dos prados se dobra e sussurra "ele vem, ele vem". As cigarras fanfarram, intocadas que são pela sutileza. Na calma da antecipação, um carro corta uma estrada, mas até a poeira por ele levantada cai mais devagar.

Nos belos horizontes, eternos e inalcançáveis, onde o rosa se espraia e as nuvens se acendem como lâmpadas de neon, asas incomensuráveis ensaiam um farfalhar.

Ela sai da morada inexistente, incapaz de ser detida, suave e inevitável como as horas que ventam em seus cabelos, em busca do desejo que arde em seu coração.

Um mugido preguiçoso silencia todos os outros, os pássaros serenatam sobre o que era e já não é mais. As folhas das árvores repicam sua música ancestral, que impensáveis éons não lograram obliterar. E no marulho calmo dos rios, a luz busca seu último santuário.

Subitamente ele exhibe suas plumas de imponderável azul, asas-braços bem abertos,

na agonia triunfante que é um desafio, mas é também um convite.

Ela avança, sem parar, sem pensar, sem duvidar. Seu manto se espraia por distâncias incontáveis, inescrutável e cravejado de lantejoulas que apenas timidamente se anunciam.

E os dois se abraçam com a saudade de eras acumuladas, com a ânsia de amantes que têm apenas uma última chance de dizer adeus. E bailam, o negro se espraia pelo azul, o azul acendendo os brilhantes do manto um a um.

Quando o pássaro exausto tomba e apenas finas plumas ainda borboleteiam no ar, ela tomba com ele, finalmente completa, finalmente saciada. Seu manto se desprende e permanece no ar, testemunha e cúmplice, início e fim.

E assim, o Homem conheceu a noite. E a noite viveu por doze horas, e teve filhos e filhas.

**Adriana Rodrigues**

Química, professora, desenhista e escritora. Pensando bem, ela juntou um monte daquelas profissões que são famosas pela pergunta "Você é só \_\_\_\_\_ ou faz alguma outra coisa?" e pegou para si. E possivelmente quem fizer a tal pergunta apanha.

• site: <http://bramevlad.blogspot.com.br/>



# Panem et mortis

Heitor V. Serpa

Paredes traçavam o que já fora um domo a céu aberto. Trilhas de mato e teias com a grossura de tapetes marcavam as quebras da ruína, levando a uma arena cuja selvageria do passado ecoava pavores à natureza mutante, assistida pelos fantasmas nos plásticos sem cores. Ervas, troncos e fungos disformes se enfileirando em diferentes níveis do anfiteatro, ocultando as manchas de sangue. Ao longe, um pássaro gritou. Alguém faiscou os traços de luz com uma cápsula de metal-

*-há muito tempo atrás, final do século XXI U.A. O maraca respirava através das placas solares, projetadas como folhas seguindo o poente em simetria com as sombras dos moinhos no alto da cúpula. Cânticos de fazer inveja aos romanos davam sua beleza à final do campeonato, mascarando os policiais que subiam e desciam. Sempre havia os adeptos de táticas primitivas – os sociólogos denominavam “nicho da zoeira” – fabricando bombas de carbono para atirar nas saídas dos vestiários, calibrando apitos subsônicos na direção das zagas (já passavam de uma vintena os casos de labirinto em atletas, caso de acionar a segurança nacional. Organizadas eram desmanchadas a torto e a direito) e, muito mais fácil de esconder, a praga dos apontadores.*

No momento, o clássico sofria uma das interrupções rotineiras por conta

de uma festa rave nos olhos dos goleiros. O ritual se apagava após os primeiros choques de taser, restando apenas pólvora e carne queimada; uma visão que desta vez não se concretizou. Passaram-se vinte minutos, já se viam os lupus mecânicos, os escudos de halogênios alinhados para o embate, mas não chegava nem perto da repressão desejada. Os lasers, pelo contrário, pareciam aumentar em desafio, como se dissessem que nem as piores violências do mundo seriam o bastante, instaurando pressão durante menos de um segundo, interrompendo respirações por todo o país. Todos sabiam que o momento havia chegado, o resultado de provocações históricas que, embora não soubessem definir, sentiam no esfriar das extremidades e nos arrepios do ventre. Era o anúncio de um gozo invertido, trazendo a morte dentro de fluidos hidrostáticos.

*Ao longe, um pássaro gritou. A cabeça do juiz explodiu em rede nacional, acrescida do espetáculo pirotécnico nas cabines de imprensa. Enquanto os destroços voavam, saraivadas de células dominaram o campo.*

Naquele dia o Massacre fez sua apresentação oficial, uma que seria lembrada até depois do Fim. As mídias espalharam o despreparo de um Brasil que criou seus próprios monstros. Um dos maiores exemplos de reconstrução sustentável, projetando bairros suspensos e reflorestando dois terços do solo,

exportando tecnologia quântica, recebia os frutos da corrupção que aniquilava gerações inteiras, usando os cadáveres dos pobres como adubo. Galgando o céu, sem contato com as máculas da terra, as elites restringiam sua Babilônia; quem não ascendia era qualificado como o novo índio, e como tal era catequizado para crer na própria insignificância. Claro, os resistentes não sobreviviam para registrar seus atos-

*-Pois agora os assentos cativos do Maracanã bebiam das vísceras dos ilustres, chacinados pela plebe que havia se infiltrado.*

*Um em cada mil apontadores era a mira de um rifle. Os atiradores de destaque das Forças Armadas que foram humilhados e expulsos por discordarem da nova visão de seus superiores se deslocavam como aranhas, concretizavam pesadelos de fogo, enquanto conspiradores da própria polícia voltavam seus escudos a favor dos civis. Nenhuma daquelas canelas milionárias voltou para as Maldivas. Pela primeira vez, o Estado fora apossado como meliante. O maior circo do mundo se converteu em base de operações para uma Nova Era. Guerra civil rasgando uma fenda entre os mundos.*

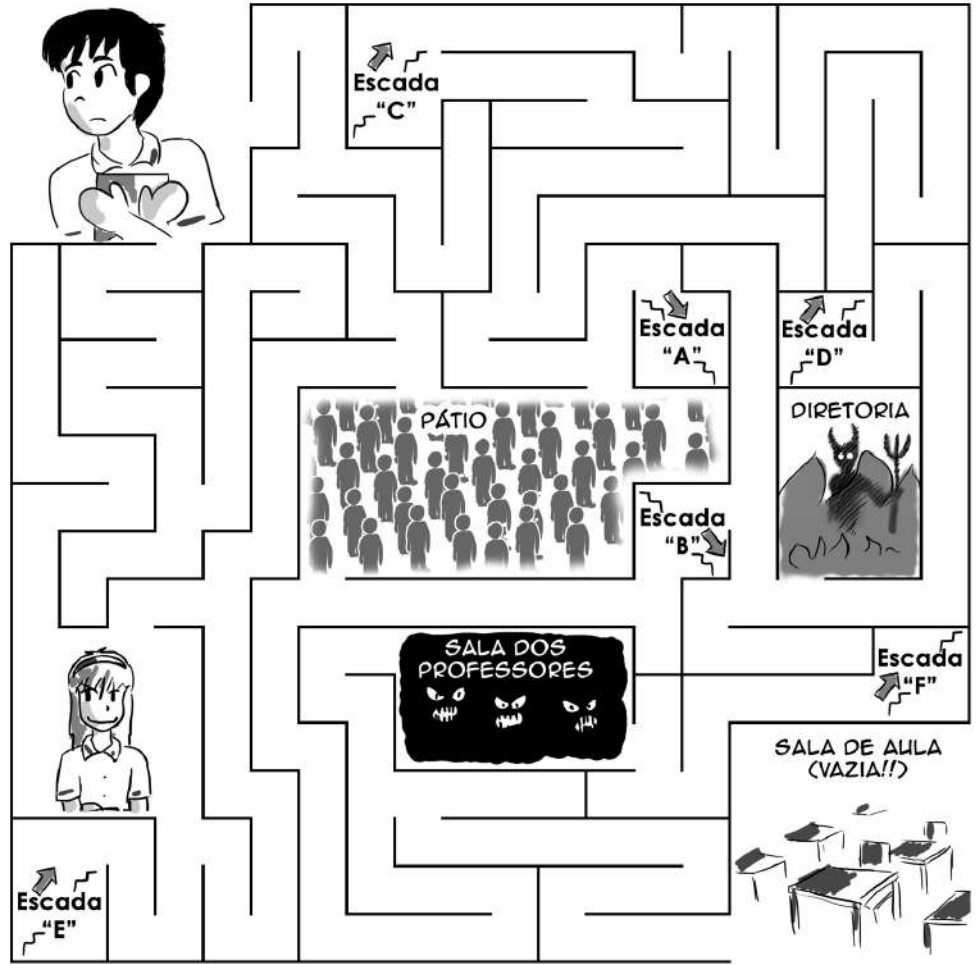
**Heitor Vasconcelos Serpa** é escritor, historiador, produtor cultural, gamer. Terminou de escrever "Aleros", seu primeiro livro situado num universo com oito anos de existência. Também desenvolveu um cenário Steampunk e participou de diversas antologias. Ah, também é uma dádiva dos ninjas.

Sites:

- <https://www.facebook.com/mundoprismo/>
- <http://steamagers.blogspot.com.br/>
- <https://www.wattpad.com/user/HeitorSerpa>

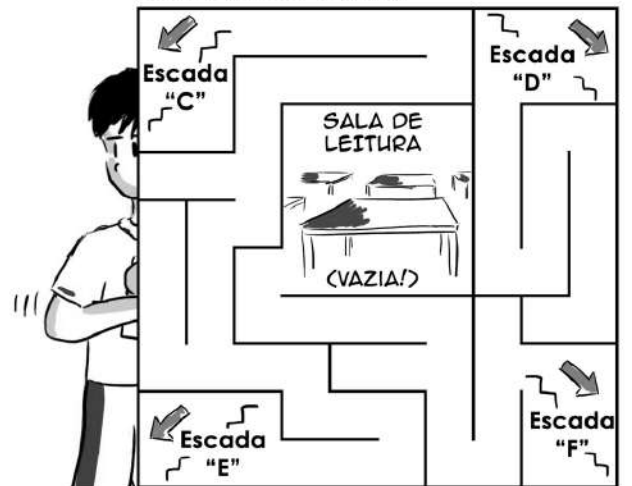


MENINO RAFAEL QUER LER SUA REVISTA EM PAZ. AJUDE-O A CHEGAR NA SALA DE LEITURA OU NA SALA DE AULA VAZIA SEM PASSAR POR ONDE TENHA QUALQUER ADULTO OU OUTRA CRIANÇA :D

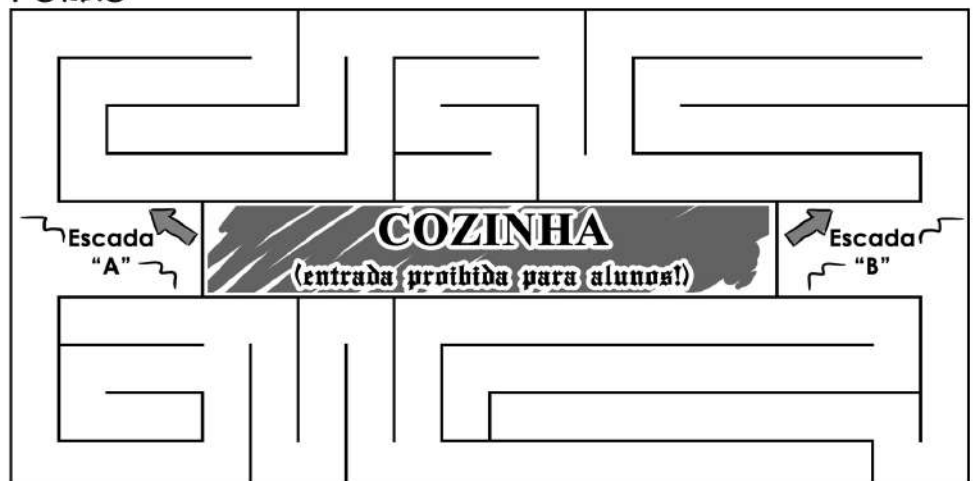


ANDAR DE CIMA:

(COMO ESTA ESCOLA É GRANDE, TEM ESCADAS SUBINDO PARA O PAVIMENTO DA BIBLIOTECA OU DESCENDO ATÉ O PORÃO ONDE FICA A COZINHA ^^)



PORÃO



---

## Filosofias de Botequim

---

**Filosofias de Botequim**, por Aliene Believe, apresenta histórias ou reflexões sobre temas gerais, e que talvez só façam sentido com alguns dedos de álcool no sangue. Ou não..... acompanhe quinzenalmente em <http://www.euquedissee.net>



Ficar nervoso é totalmente compreensível – ele pensou, sorrindo. Já havia feito isso outras vezes, mas era algo muito fora do normal para se acostumar.

Não que tivesse medo: longe disso. Não era medo, era só... nervosismo. Só isso. E era totalmente compreensível. Nada que umas balas não resolvessem. Afinal balas adoçavam a vida. Balas adoçavam o universo. Balas... faziam o nervosismo se deslocar para outros problemas. Afinal, seu nervosismo ele sentia no estômago. E as balas faziam sua atenção contra o estômago se afastar. Era simples assim.

Também tinha o remédio para o enjoo. Não achava que ele fazia diferença, mas sempre tinha ele, e sempre poderia se espantar. Torcia para dar certo, dessa vez. Tudo isso porque não tinha medo.

Sorriu, então, para o passageiro ao lado.

“Não tenho medo de avião.”

“Estou vendo...”

Não tinha mesmo... era só nervosismo.



Ameaçava chuva, ventava e fazia frio quando ele pensou: Vou embora.

Era o melhor a fazer, certamente: ir. Para que ficar? Para esperar a chuva cair? Para se molhar? Para ficar parado no congestionamento? Para... não importava. Ele havia decidido ir embora, e não procuraria desculpas. Iria. E ponto.

Sair, claro, nunca era tarefa simples. Como poderia ser? Tinha que guardar tudo. Não que houvesse muito a ser guardado, mas cada coisa tinha seu devido lugar. Isso dava mais trabalho do que simplesmente ir embora. As coisas poderiam ficar fora do lugar, é claro. Afinal estava para chover, ventava e fazia frio! Se ele não sáísse naquela hora, teria problemas para chegar a sua casa. Mas o que diriam dele, se vissem que tinha guardado tudo fora

do lugar? Claro, ele não poderia deixar isso ocorrer. E por não poder deixar, guardou tudo, tudo... cada coisinha em seu devido lugar. O que tomou tempo, mas era o melhor a ser feito, então ele não se incomodou com isso.

Ainda assim, ir embora não era tarefa simples. Tinha que se despedir de todos. Os colegas do corredor, a secretária que o ajudava, o chefe... Não, ele decidiu: não se despediria de todos. Só dos que encontrasse no caminho. E do chefe, é claro. Do chefe era importante se despedir, ou ele poderia pensar alguma bobagem. Chefe precisa sempre estar bem impressionado conosco, e por isso – e só por isso – faria questão de dizer tchau para o chefe. Só do chefe. Só. E iria embora. Teria que se desviar um pouco do caminho, o que tomaria tempo, mas era o melhor a ser feito, então ele não se incomodou com isso.

Porém se despedir do chefe pode tornar a tarefa de ir embora mais difícil ainda! Afinal chefe é chefe. E não se deve apressar chefe. Ele quer conversar? É assunto torpe? E daí? Ele é o chefe. Ele pediu algo mais para se fazer? Tudo bem, pode ficar para amanhã, mas... é preciso anotar direitinho o que o chefe quer que seja feito – afinal chefe que é chefe não gosta de ficar se repetindo. E com isso, ele precisou voltar para sua mesa, pegar sua agenda, escrever tudo... e guardar tudo nos devidos lugares. O que tomou tempo, é claro. Mas era melhor do que deixar algo sem fazer no dia seguinte, certamente. O que era o melhor a ser feito. Então ele não se incomodou com isso.

E finalmente seria simples partir. Não fosse o raio. E o fim da luz. E a chuva, que começava a cair finalmente.

Ele pensou que deveria ficar, agora que não tinha mais desculpas para ir. Mas... agora não tinha desculpas para mudar de ideia: trabalharia como, se não tinha como ligar o computador, se já estava anoitecendo e logo estaria escuro? Assim, ele foi embora. E finalmente se incomodou com algo naquele dia...

# PROCURADO

“MÃE DE PANO”



DESAPARECIDO EM 15/09/2015  
EM BRUXELAS (BÉLGICA).  
JÁ FOI CAPA DO SINE QUA NON.

MAIS INFOS EM [HTTP://QUADR.IN/MDP](http://quadr.in/mdp)